

# CRIANÇAS ESPIRITUAIS

Quem são, que problemas enfrentam  
e de que forma integram a evolução  
para uma Nova Era



**MARIA DA LUZ  
RODRIGUES LOPES**

**Terapeuta Espiritual**



*Autora de Reiki: A Energia Terapêutica Que Cura*

**nascente**

*Pode-se alcançar a sabedoria por três caminhos.  
O primeiro é o da meditação, que é o mais nobre.  
O segundo é o da imitação, que é o mais fácil  
e o menos satisfatório. O terceiro é o caminho  
da experiência, que é o mais difícil.*

CONFÚCIO

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	11
INTRODUÇÃO .....	13
A minha história .....	16
<b>CAPÍTULO I</b>  <b>SERES ESPIRITUAIS</b> .....	21
O que é um ser espiritual .....	23
Capacidades sensitivas e evolução espiritual .....	24
Entre a espada e a parede .....	28
Vida supersónica .....	34
As armadilhas do mundo espiritual .....	36
Centros espíritos .....	37
A experiência da Beatriz num centro espírita .....	39
Os pseudogurus .....	41
<b>CAPÍTULO II</b>  <b>A IMPORTÂNCIA DO KARMA NA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL</b> .....	47
O karma .....	49
Como se revela o karma .....	52
A hipnose e as regressões kármicas .....	55

A hipnose e as crianças . . . . .	62
Cuidados a ter com a hipnose . . . . .	64
A doença como karma: a história do Miguel . . . . .	66
O karma e a gravidez . . . . .	70
Resolver o karma . . . . .	74

**CAPÍTULO III  OS ESPÍRITOS E AS ESSÊNCIAS FEMININA E MASCULINA . . . . . 77**

O caso do Filipe . . . . .	79
Os espíritos não têm gênero . . . . .	81
As hierarquias espirituais . . . . .	86
A Grande Fraternidade Branca . . . . .	87
O Umbral . . . . .	88

**CAPÍTULO IV  CRIANÇAS ESPIRITUAIS . . . . . 91**

O que são . . . . .	93
A missão destas crianças . . . . .	94
Como reconhecer as crianças espirituais . . . . .	95
Os vários tipos de crianças espirituais . . . . .	98
As Crianças Índigo . . . . .	101
Diogo, o exemplo de um Índigo . . . . .	103
As Crianças Cristal . . . . .	106
Transição de Índigo para Cristal . . . . .	108
A transição da Catarina . . . . .	109
Crianças da Nova Era . . . . .	112
As Crianças Esmeralda . . . . .	115
As Crianças Arco-íris . . . . .	115
O pequeno Vicente . . . . .	116
As Crianças Diamante . . . . .	118

O que veem, ouvem e sentem estas crianças . . . . .	121
Espíritos, presenças e vozes . . . . .	121
Os desenhos do João . . . . .	123
Os anjos . . . . .	125
A sensibilidade dos gatos . . . . .	127
Os elementais e a Rita . . . . .	128
Os medos . . . . .	131
Os bebês e a noite . . . . .	131
Pesadelos e «monstros» . . . . .	133
Noite de Carnaval . . . . .	134

**CAPÍTULO V  SER «NORMAL»: A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA, A ESCOLA E OS AMIGOS . . . . . 137**

As dificuldades de comunicação com os pais . . . . .	139
Crianças espirituais não são crianças supprassumo . . . . .	142
A educação do Rodrigo . . . . .	145
O <i>bullying</i> dos colegas e a aprendizagem na escola . . . . .	151
A rebeldia, os ataques de pânico e o desespero . . . . .	154
O suicídio: os casos da Manuela e do Luís . . . . .	158
Ser «normal»: serão os adultos «normais»? . . . . .	165

**CAPÍTULO VI  TER UM DOM E TRABALHÁ-LO: A IMPORTÂNCIA DO REIKI . . . . . 173**

O que é um dom? . . . . .	175
Como viver com o dom e trabalhá-lo espiritualmente . . . . .	177
O dom da Jéssica . . . . .	180
Pressentimentos . . . . .	181
O despertar de uma consciência global . . . . .	183
Reconhecer vidas passadas: o dom da Madalena . . . . .	186

Cofre aberto e cofre fechado . . . . .	192
As respostas e as explicações do Reiki . . . . .	194
A história da Mara e da sua mãe . . . . .	198
Reiki, uma terapia multidimensional . . . . .	200
A iniciação das crianças ao Reiki . . . . .	202
Ioga e meditação com crianças . . . . .	204
Como funcionam e quais são os seus benefícios . . . . .	206
Outras proteções . . . . .	208
<b>Cores</b> . . . . .	208
<b>Incensos</b> . . . . .	210
<b>Missas e mantras</b> . . . . .	210
<b>Orações</b> . . . . .	211
<b>Libertação pela carta</b> . . . . .	212
Uma reflexão sobre a oração e a fé . . . . .	213
<b>A oração</b> . . . . .	213
<b>A fé</b> . . . . .	217
<b>NOTA FINAL</b> . . . . .	219
<b>BIBLIOGRAFIA</b> . . . . .	221

## AGRADECIMENTOS

**A**gradeço de todo o coração às crianças e jovens por me confiarem as suas histórias de vida, curtas mas já tão intensas, e aos adultos por contribuírem com os seus testemunhos para que este livro se tornasse real. Estou certa de que juntos iremos ajudar a abrir mentes para uma realidade que é cada vez mais evidente.

Agradeço também à 20|20 Editora, por mais uma vez ter acreditado em mim. Ao Paulo, o meu marido, por me ter incentivado e apoiado em mais este projeto. E, por último, a minha imensa gratidão ao Universo e a todos os seres de luz que me têm guiado nesta caminhada espiritual.

# INTRODUÇÃO

*Toda a alma é imortal*

PLATÃO, *FEDRO*

**O** lado imaterial do ser humano esteve sempre no centro do meu pensamento. De onde vimos? Porque existimos, sentimos o que sentimos e fazemos o que fazemos? Para onde vamos? Estas são questões às quais a Humanidade procura dar resposta há milénios, de várias formas, utilizando desde a filosofia à religião.

A alma e o espírito fazem parte desse lado que existe para lá do que é a matéria, ou seja, do corpo. Se a alma pode ser entendida como o caminho, como o percurso do ser humano no mundo — percurso que pode implicar a passagem e o seu progresso por várias vidas —, a espiritualidade refere-se à relação de ascensão entre o terreno e o divino. No fundo, ao vínculo entre o ser humano e Deus. É essa ligação que incentiva as pessoas a criarem e a trabalharem os seus dons, para cumprirem a sua missão enquanto seres espirituais em evolução.



Este livro surge na sequência do meu trabalho como terapeuta de Reiki e na vontade que tinha de partilhar experiências e conhecimentos.

Muitas pessoas recorrem à minha ajuda devido a problemas que aparentam ser simples desequilíbrios emocionais, psicológicos ou mesmo físicos, mas depressa se revelam algo mais e para lá do que é compreensível para elas.

As pessoas precisam de respostas e, nos dias de hoje, há muita informação a circular: livros de autoajuda, cursos disto e daquilo, Internet... Porém, em muitos casos não existe filtro e, na busca de soluções para os seus problemas ou os dos seus filhos, acabam por ficar mais baralhadas. Há que esclarecê-las, e é essa a minha missão.

Grande parte dos casos com que me deparo no dia a dia envolve os pais, muitas vezes desesperados. Não sabem o que fazer, face às crescentes dificuldades com os filhos, que têm uma linguagem diferente, e pedem-me para os ajudar a compreendê-los.

A confiança que as crianças depositam em mim para me contarem os seus segredos é uma das coisas mais fascinantes que me têm acontecido. Em diferentes ocasiões, todas elas me revelaram que viam, ouviam e sentiam espíritos. Algumas até falavam com eles. Sentiram, finalmente, que havia alguém que acreditava nelas e que não estavam «loucas», como tantas vezes pensaram. No fundo, alguém que se identificava com elas e as aceitava tal como eram.

A capacidade de aceitação da espiritualidade e a inexistência de preconceitos nas crianças é, sem dúvida, maravilhosa e por vezes uma autêntica lição de vida para os mais velhos.

Outros casos também frequentes nas minhas sessões de Reiki são os de adultos entre os 20 e os 40 anos. Dizem-me que têm tudo na vida, o que qualquer jovem ou mesmo menos jovem ambiciona, e que, atualmente, não está ao alcance de muitos: casa, família e emprego. No entanto, afirmam não terem incentivos para viver. Falta-lhes algo que eles próprios não sabem definir. «Sinto-me infeliz», é o desabafo que mais ouço. Alguns emocionam-se, choram e interrogam-se sobre o que fazem aqui ou qual o interesse em viverem dessa maneira.

Estará, desta forma, o ser humano a descobrir que o físico e a matéria não são eternos? E o que resta para lá disso?

Durante a maior parte da nossa vida esquecemo-nos ou não damos conta de que o nosso espírito é eterno. Andamos entretidos na nossa «vidinha» e quase nunca, ou raramente, fazemos a pergunta: de onde viemos e para onde vamos?

O que existe do outro lado? É outra questão pertinente, à qual se vão juntando muitas mais. Fiz as escolhas corretas? Terei compreendido a minha missão, se é que tenho alguma? Por que razão estou cheio de bens materiais e não sou feliz? Ajudei alguém, mesmo tendo o suficiente para mim e para os outros?

Todas estas perguntas parecem confluir numa só: será que tomamos consciência de que o Universo não se compece com a riqueza material, nem a aceita como moeda de troca, mas antes com as ações, atitudes e pensamentos enriquecidos com amor?

O objetivo deste livro é, precisamente, dar resposta a estas e a outras questões que estão cada vez mais a surgir e

a inquietar os espíritos mais atentos e irrequietos, que não sabem como lidar com esta realidade. Nesse sentido apresentarei, ao longo dos próximos capítulos, alguns casos e testemunhos diretos de pessoas — em particular crianças e jovens — a quem procurei oferecer o meu apoio e a minha ajuda terapêutica para melhor compreenderem aquilo por que estavam a passar e que, tantas vezes, parecia fugir à compreensão não só dos familiares e amigos como também à sua.

Em todo este processo, o papel do Reiki tem sido fundamental, permitindo-me descodificar e identificar os sinais, muitas vezes tímidos e escondidos, na mente das pessoas. O receio e o medo de pensarem que são diferentes é um obstáculo para elas. É necessário transpô-lo e restabelecer o equilíbrio.

Àqueles que estavam a perder ou perderam o gosto pela vida, tentei fazer compreender o que estão aqui a fazer. Ensino-os a terem fé, a acreditarem naqueles que nos protegem, que nos guiam e que nos abençoam, quando veem que o nosso esforço não foi em vão.

A caminhada espiritual está ao alcance de todos. O mundo espiritual não discrimina ninguém. A viagem há muito que começou. Depende de nós saber como e quando a vamos terminar.

## A MINHA HISTÓRIA

Nasci em Moçambique, esse país impregnado de «feitiço». Quem lá nasceu e quem o conhece sabe o que quero dizer. É um lugar que nos marca para toda a vida, com o

seu clima, as paradisíacas praias de água quente e o cheiro único da terra molhada, que fica registado no nosso imaginário desde os tempos da infância. E, acima de tudo, é um país cheio de misticismo.

Sei perfeitamente a influência que tudo isso teve sobre mim. Não apenas por ser a minha terra natal, como também porque a sua beleza selvagem, que teima em permanecer na minha memória, é, ainda hoje, o meu refúgio de meditação.

Tive uma infância que posso considerar feliz, apesar de me aperceber desde muito cedo de que algo não estava bem, o que me causava algum desconforto. Parecia que fugia aos padrões normais de comportamento das outras crianças. Andava sempre metida com os meus pensamentos, a observar o ambiente que me rodeava. Zangava-me com o mundo frequentemente. Bastava ver uma expressão que não me agradava, e acusarem-me de algo que não tinha feito, que me insurgia de imediato. Qualquer injustiça, ou o simples facto de duvidarem de mim, levava-me a reagir vigorosamente. Teria eu uma personalidade muito vincada? Mau feitio? Talvez. Mas não era só isso.

As minhas noites não eram propriamente sossegadas, pois desde muito pequena sentia bastantes medos. Sendo a filha mais nova de três, esses medos eram muitas vezes desvalorizados. Tinha 5 anos quando disse à minha mãe — muito baixinho, para que ninguém ouvisse, e fazendo-a prometer que não contava a ninguém — que via «fantasmas». Não valeu de muito. A minha irmã mais velha estava atrás da porta, ouviu a conversa e gozou comigo.

Apesar disso, acabei por contar à minha mãe o que via exatamente. Descrevi-lhe uma senhora que se encostava à

ombreira da porta do meu quarto a observar-me, durante toda a noite. De início teve alguma dificuldade em acreditar, até que comecei a aparecer-lhe deitada em cima do tapete, ao lado da cama dela e do meu pai. Era uma forma de procurar a sua proteção e de me sentir mais segura. Quando não o fazia, dormia completamente tapada para não ver nada.

Os medos foram tantos que, durante um tempo, sofri de enurese noturna. Pois, é verdade. Não me queria levantar durante a noite, porque «eles» — os fantasmas — estavam lá. Tudo isto que me acontecia fazia-me sentir envergonhada e também revoltada porque não estava a mentir. Sabia o que via. Além disso, comecei a ter episódios de sonambulismo, deambulando pela casa e dizendo coisas incompreensíveis aos meus pais.

A minha mãe começou a acompanhar-me mais e, como era uma pessoa muito aberta para a época, percebeu que era verdade tudo o que lhe dizia, até porque apanhava grandes sustos quando eu começava a gritar durante o sono. Atravessar a noite escura era, de facto, um pesadelo. Claro está que, assim que amanhecia, e em África o Sol desponta bem cedo, aí estava eu novamente feliz, perto dos animais e sempre embrenhada naquela Natureza selvagem. Outras vezes, fugia para junto das casas dos locais, porque adorava estar ao pé do feiticeiro e dos tambores. Tudo isso me fascinava...!

Era, como à época me chamavam, muito «reguila». Hoje em dia talvez dissessem que era «hiperativa». Seria, muito provavelmente, diagnosticada com um desses chavões e também com «défice de atenção», pois a minha cabeça estava sempre «na lua»... Mas que fazia viagens

imaginárias, fazia. Lá se ia a concentração e lá vinha o raspante das professoras e a chamada dos meus pais à escola. «Ela é distraída, só estuda aquilo de que gosta, só tem boas notas quando quer», diziam.

Faço, por isso, as seguintes perguntas aos pais de agora: será que o comportamento dos vossos filhos é assim tão diferente do que era o meu? Será que sermos assim e sermos conotados de «diferentes» nos torna menos normais? O que é isso de se ser «normal», afinal?

Quebrei regras que eram impostas pela sociedade daquela época. Não fiz um curso superior na idade em que supostamente deveria ter feito, mas consegui, mesmo sendo diferente e rebelde, decidir o meu caminho, a missão para a qual estava destinada e que escolhi antes de nascer. Sim, todos nós escolhemos os nossos pais, a nossa família e até o nosso percurso de vida aqui na Terra. Está tudo implícito no mesmo.

O objetivo? Cumprirmos o nosso karma, a nossa missão. A forma como lá chegamos? Aqui entra o livre-arbítrio, aquele que nos foi concedido por Deus. Esse será sempre da nossa responsabilidade. As escolhas serão sempre nossas.

A fé, e saber que existe algo para lá daquilo que os meus olhos veem, foi a força, o incentivo e o motivo pelos quais me tornei professora neste mundo espiritual. Transmitindo o que sei, posso ajudar os outros a crescerem espiritualmente, a abrirem a mente e o coração, de forma a encararem a vida e os seus obstáculos com mais facilidade. É um privilégio, pelo qual estarei eternamente grata.

Mesmo se o caminho não foi fácil — e nunca será fácil —, digo-vos de todo o coração que valeu a pena chegar

aqui com esta consciência de que algo superior nos guia: seja Deus, sejam arcanjos e anjos, mestres ascensos ou os nossos guias. Valeu a pena ver agora que muitos de vós, jovens e menos jovens, fazem parte das crianças desta Nova Era.

Sejam todos bem-vindos!

*Namastê.* O Deus do meu coração saúda o Deus do teu.

CAPÍTULO I



# SERES ESPIRITUAIS



## O QUE É UM SER ESPIRITUAL

Provavelmente, muitos de vós já terão ouvido alguém dizer «sou muito espiritual» ou «aquela pessoa é muito espiritual». Pois bem, é importante desmistificar esta ideia, porque espirituais somos todos. A verdade é que todos nós somos um espírito que habita num corpo físico, que mais tarde ou mais cedo abandonará. «O caminho do espírito tem por destino a vida espiritual», já escrevia Allan Kardec.

«Vidas passadas» ou «reencarnação», por exemplo, não são conceitos estranhos à generalidade das pessoas. As grandes culturas do passado tinham esse conhecimento e, hoje, a própria prática de regressão através da hipnose assume um papel cada vez mais importante, não deixando dúvidas sobre essa matéria. Por isso, cada vez mais temos consciência de que a grande verdade é que não somos seres humanos com uma experiência espiritual; pelo contrário, somos seres espirituais experienciando uma condição humana.

Essa experiência serve para o espírito evoluir e, apesar de este ser anterior à matéria, ao corpo, a consciência do

que é espiritual pode demorar o seu tempo a surgir. É uma aprendizagem. Daí a necessidade de o espírito encarnar, frequentemente mais do que uma vez.

Espiritual não é, por isso, um estatuto que se adquire ou se atribui a alguém, é antes um estado que pode e deve ser melhorado para que se consiga crescer e evoluir neste sentido, ou seja, espiritualmente.

O caminho não é fácil nem curto. Se assim fosse, o mundo seria seguramente um lugar melhor. Além disso todos temos o nosso ritmo, mas se não correremos, nem nos dispersarmos, a evolução ocorrerá naturalmente. Somos postos à prova diariamente e isso obriga-nos a fazer escolhas, que nos abrirão portas para essa caminhada. Não queiramos cair na tentação de acharmos que somos mais do que os outros e de que temos superpoderes. Tudo depende de como usamos as nossas capacidades, os nossos dons, e da nossa intenção de praticar o Bem.

## **CAPACIDADES SENSITIVAS E EVOLUÇÃO ESPIRITUAL**

Há alguma confusão, inconsciente ou não, que pode deturpar o significado do que é possuir certas capacidades sensitivas e ser-se espiritualmente evoluído. Por exemplo, uma pessoa que tenha ou desenvolva capacidades mediúnicas, sensitivas, intuitivas ou premonitórias, e faça um bom uso delas, em prol dos outros, pode dizer-se que é espiritualmente evoluída.

Importa entender que ser-se espiritualmente evoluído não é um privilégio apenas acessível a quem possui tais

caraterísticas — que, eventualmente, poderão estar fora do alcance do comum dos mortais, porque não lhes foram concedidas à nascença ou porque não as conseguiram desenvolver ao longo da vida. Por outro lado, quando se fala em capacidades não se fala necessariamente de «dons», mas de uma condição que a pessoa aceitou para esta vida, no sentido de completar algo que deixou por fazer noutras vidas, de evoluir e ajudar a evoluir.

Tal como referi anteriormente, espirituais somos todos e cada um tem o seu caminho. Para clarificar, recorro a outro exemplo. Como classificamos uma pessoa que sacrifica o conforto de uma vida sem preocupações, de abundância material e familiarmente gratificante, para se dedicar aos mais necessitados, revertendo parte dos seus rendimentos a favor dos mais carenciados, despendendo o seu tempo para ouvir, para dar uma palavra de ânimo e coragem aos mais desprotegidos, frágeis ou solitários? O que chamamos a um ser que transformou a sua vida numa missão para ajudar os outros sem esperar algo em troca? A única resposta que me ocorre, entre outras de bastante apreço, é que estamos na presença de um espírito no verdadeiro caminho da evolução.

Podemos ler centenas de livros sobre espiritualidade e, com isso, reter alguma informação e aprender novas formas de estar na vida, que contribuirão para nos sentirmos bem. Tudo isso é positivo, mas não faz de nós pessoas espiritualmente evoluídas. É preciso que não nos fiquemos pela teoria. Não é fácil abdicar do conforto material ou de necessidades mais supérfluas. O ser humano é fascinado pelo mundo físico e escravo da matéria. Por vezes até se torna mais cómodo viver-se na ignorância das

responsabilidades que temos para com os outros e para conosco.

Acreditando que esta passagem pela Terra tem por objetivo fazer-nos evoluir como seres espirituais que somos, penso que não faz sentido limitarmo-nos a ler livros, uns atrás dos outros, sem que isso nos influencie a agir, mantendo-nos inertes e achando que já estamos acima dos restantes seres só porque dominamos a teoria. A humildade faz parte do verdadeiro sentido da mensagem espiritual. As frases feitas, bonitas e carregadas de moralidade postadas no *Facebook*, que frequentemente servem apenas para mostrar o quão espetacular e intocável a pessoa é — podendo algumas serem usadas para atingir alguém em particular —, de nada servem se não formos honestos. E, antes de o sermos com os outros, temos de o ser conosco.

Ao longo deste meu percurso já perdi a conta às pessoas que se cruzaram comigo e cujo cartão de visita era quase sempre o mesmo: «eu vejo isto», «eu ouço aquilo», ou «eu sinto isto». Não que não seja verdade, até porque lido diariamente com casos desses. A questão aqui é que algumas pessoas só utilizam ou só aprendem a desenvolver determinadas capacidades especiais para preencherem o seu ego.

O propósito da evolução espiritual não é esse, é precisamente o oposto. Mas por muito que se tente orientar e ajudar — e tenho-o feito desde que abracei a minha missão —, Deus concedeu-nos o livre-arbítrio. Cada um escolhe o seu caminho e não podemos obrigar alguém a fazer o que não quer ou algo para o que não esteja preparado. Além disso, o meu conceito de evolução pode não ser igual ou significar o mesmo para os outros.

Apesar de tudo, nem todas as pessoas lidam daquela forma com o tema da espiritualidade, procurando orientação para evoluírem verdadeiramente. Seria injusto não lembrar todos aqueles que tornam tão gratificante o propósito da minha missão: ajudar muitos desses seres a lidar com as suas capacidades, para as quais nem sempre estão preparados. Sobretudo as crianças, pois são as mais vulneráveis e incompreendidas.

No mesmo sentido, é igualmente importante notar que há pessoas que são espiritualmente evoluídas sem o saberem ou sem terem plena consciência disso. Geralmente são pessoas que se colocam ao serviço dos outros, num espírito de missão incondicional, sem procurarem obter o que quer que seja em troca. Mesmo que ainda não tenham noção de que estão a tomar contacto com a sua espiritualidade, com o seu Eu interior, elas já estão a mudar e a transformar-se, fazendo evoluir o seu lado espiritual. Claro que este não avança todo, porque não há uma tomada de consciência do mesmo. Mas ainda assim trata-se de um passo evolutivo muito importante.

A título de exemplo, quero partilhar a história de um médico que esteve como voluntário numa missão humanitária em África. É uma das pessoas mais abnegadas que conheço, que mais trabalham em prol dos outros, e isso torna-o num ser espiritual em desenvolvimento, ainda que ele desconheça esse processo.

Por isso, mais uma vez reforço: ajudar e orientar não são sinónimo de impor nem de apressar a evolução que tiver de acontecer. Até porque, como se percebe pelo exemplo acima, ela pode começar a acontecer sem que se tenha noção disso.

Muitas das pessoas que me procuram, a maior parte mulheres, fazem-no quer para aprofundar outros conhecimentos quer em busca de novas aprendizagens, ou, numa perspetiva mais abrangente, do sentido da vida. É frequente lamentarem-se que os seus companheiros não as acompanham nesta caminhada. Gostariam que eles evoluíssem ao mesmo tempo que elas. Por muito boa que seja a intenção, as coisas não se processam dessa maneira.

Não vale a pena forçar, até porque isso pode surtir o efeito contrário. Todos temos o nosso tempo, a nossa aprendizagem e, acima de tudo, as nossas experiências. Mesmo as más ensinam-nos sempre algo, nem que seja que o caminho não é por ali ou que temos de ultrapassar um dado obstáculo para sabermos de que fibra somos feitos. Estamos sempre a mudar. O mais importante é estarmos atentos, pois a linha que separa o Bem do menos bom pode ser um pouco ténue. As tentações são uma constante e fazem parte do nosso dia a dia. Mas a responsabilidade de decidir cabe a cada um. Afinal, é isso que o livre-arbítrio tem de maravilhoso...!

## ENTRE A ESPADA E A PAREDE

Quem nunca ouviu esta expressão? Penso que, de uma maneira geral, todos conhecemos o significado de estar «entre a espada e a parede». Há ocasiões na vida em que por muito que achemos que ela nos sorri, que estamos no caminho certo e que fazemos tudo para que as coisas corram bem, acordamos e damo-nos conta de que, assim, sem mais nem menos, ela resolveu pôr-nos à prova.

Situações ou acontecimentos inesperados, quer no trabalho quer nos relacionamentos de amizade ou familiares, que podem ter a ver com questões de saúde ou financeiras — enfim, tudo o que faz parte da vida do ser humano. Quantas vezes não fomos postos à prova e tivemos de tomar decisões que nos desagradaram e cujas consequências dificilmente puderam ser revertidas?

Além da minha própria história, tenho conhecimento de muitos casos de pessoas que iniciam a sua evolução espiritual — e que sabem que é esse o seu caminho, por muito difícil que seja — com sérias dificuldades em fazer com que os outros as aceitem. Surpreendentemente, é na família de cada um que se iniciam as maiores movimentações e se criam os maiores obstáculos para que isso aconteça. Sim, é na família mais próxima que, consciente ou inconscientemente, começam as manobras de castração e os bloqueios para impedir que evoluamos. Talvez até seja essa a primeira prova de fogo, com o objetivo de testar a nossa determinação e a nossa capacidade de luta perante as contrariedades e as adversidades, que não vão ser poucas.

Em relação à família, convém lembrar que, embora sendo o núcleo mais próximo, isso não significa que todos os seus membros estejam no mesmo plano de evolução, nem tão-pouco que os mais novos estarão mais evoluídos do que os mais velhos. Espiritualmente falando, existem espíritos velhos que habitam em corpos novos e espíritos novos ou mais imaturos que habitam em corpos de mais idade. O contrário, em termos estritamente espirituais, também acontece. Isto é: mesmo que a tendência seja para que cada era traga evolução e seres mais evoluídos,

isso não quer dizer que os outros, seus contemporâneos, estejam todos no mesmo patamar.

A par das crianças espirituais que vão nascendo e das características que cada grupo traz, outras há que estão noutra etapa evolutiva e isso não tem nada de errado. Em suma, não é a idade que determina, porque, como costume dizer, há crianças espirituais de 8 anos, como as há com 19, 25 ou 40.

Por outro lado, com o desenvolvimento tecnológico e científico, a sociedade foi descurando o que havia para lá do que é visível e testável, do que é físico. Quem não se lembra do facto de os nossos avós, ou pessoas de mais idade que fizeram parte da nossa vida, terem sempre uma «mezinha» ou uma reza para aliviar o nosso sofrimento quando estávamos doentes, física ou emocionalmente? Era a sabedoria popular que resultava em muitas situações. E embora a maior parte dessas pessoas fosse analfabeta, tinha uma maior abertura de espírito nesse campo. Estou a referir-me, concretamente, ao plano espiritual que os nossos avós já conheciam e cuja existência aceitavam, e que se foi perdendo nas gerações seguintes.

A mensagem foi substituída por matéria mais palpável, e talvez por isso assistamos atualmente a uma busca e explicações de algo que vai muito além disso.

Todos fazemos parte desse mesmo plano espiritual e dentro dele há um plano particular reservado para cada um de nós. Foi um plano (pessoal, se quisermos) que aceitámos antes de encarnar, dependendo do grau de evolução que nos propusemos atingir. É ele a razão por que estamos aqui.

Por ser uma escolha nossa, não podemos exigir aos outros que a compreendam, nem obrigá-los a aceitar-nos,



mas também não podemos permitir que eles nos imponham condições e obstáculos de tal forma que impeçam a nossa evolução. Se isso acontecesse haveria um retrocesso bastante drástico para nós e a nossa missão ficaria definitivamente comprometida. Pode parecer confuso, mas tem uma razão de ser e acaba por fazer sentido.

Note-se: parte da nossa missão é ajudar os outros a evoluir e a crescer espiritualmente, ou pelo menos tentar. Não é tarefa fácil, principalmente para quem está mais junto de nós. Certamente que para esses seria mais conveniente que se acatasse os seus caprichos e as suas exigências. Mas o resultado seria deixar de ter vontade própria.

Não temos de ser aquilo que os outros querem que sejamos. Não podemos permitir que o egoísmo dos outros seja determinante nas nossas decisões. Ao rebatê-los, dentro do respeito que nos merecem, estamos a ter uma atitude pedagógica e a transmitir-lhes que a vida é feita de cedências e deve ser isenta de preconceitos. Nós também os aceitamos, tal como são. É nosso dever elucidá-los.

Quem não conhece a velha história dos pais que desejariam que os filhos fossem médicos ou engenheiros, ou então que casassem com este ou com aquela porque são um bom partido? Até pode ser legítimo este pensamento: à partida os pais só querem o melhor para os filhos. Mas a realidade mostra-nos que as coisas não funcionam assim, e ainda bem, pois estaríamos a formar maus profissionais e a fomentar casamentos infelizes.

Seguindo esta linha de raciocínio temos o reverso da medalha, ou seja, os pais também têm o direito de seguir o seu caminho de evolução, se assim o entenderem, sem condicionalismos. É uma questão de respeito mútuo.

Insisto neste exemplo relacional, dado que, a par dos casais, pais e filhos são, sem dúvida, os casos em que os atritos são mais frequentes.

Certamente existirão muitos outros. Mas é cada vez mais comum, hoje em dia, na nossa sociedade, assistir-se a um tipo de comportamento por parte de alguns casais que consiste em achar que os seus pais têm de prescindir das suas vontades e opções de vida para darem prioridade ao convívio a «tempo inteiro» com os netos. Criou-se e institucionalizou-se uma nova profissão para os avós: «amas-secas incondicionais».

O que para muitos avós até pode ter sido uma opção para apoiar os filhos que estão a ultrapassar uma fase de crise financeira, ou mesmo por vontade própria, para outros tornou-se numa condição sem hipótese de escolha, imposta pelos filhos, com o prejuízo de que se não aceitarem sofrerão as retaliações do costume, como a falta de disponibilidade para convívios, a privação de ver os netos...

Enfim, o egoísmo no seu melhor. Provavelmente estes pais não foram educados assim, mas então há que reeducá-los, mesmo que isso provoque algumas mágoas, porque ninguém fará o caminho do outro por si. Espiritualmente, a maternidade e a paternidade são consideradas missões, não se podendo delegar nos outros essa responsabilidade.

Especialmente durante a infância e a adolescência, os pais são os principais responsáveis pela orientação moral e espiritual dos filhos, não o garante da sua segurança material. São os pais que irão servir de exemplo para o bem e para o mal, e não podemos esquecer que essas crianças vêm, tal como todos nós, para assumir compromissos kármicos sob a forma de reequilíbrio ou redenção.

A obrigação dos avós é relativa e não deve ser imposta. Há que respeitar as suas opções de vida, até porque, a bem da verdade, já cumpriram o seu papel e as suas obrigações como pais.

Nesse sentido, quem compreender a mensagem terá o caminho aberto para melhor entender o que está aqui a fazer. Por oposição, quem fechar as portas terá um caminho mais longo e difícil de percorrer e quanto a isso não há muito a fazer... a não ser aceitar, porque é a opção de cada um e porque, uma vez mais, todos temos o nosso plano, dentro do plano maior.

Se estivéssemos todos no mesmo nível de evolução tanto poderia ser bom como mau, dependendo do nível em que estivéssemos, mas aí deixaria de haver evolução, ninguém ensinaria nada a ninguém. Das duas uma: ou éramos todos muito evoluídos e isto seria o Paraíso — quanto a isso penso que cada vez estamos mais afastados —, ou não passaríamos da primeira fase. Estaríamos estagnados. Se compreendermos isto, penso que será mais fácil entendermo-nos uns aos outros e não entrarmos em conflitos que não nos levam a lado algum.

Mas mais uma vez alerta: a compreensão é diferente da autoanulação. Não podemos e não devemos ceder, de forma alguma, a chantagens emocionais, nem a pressões psicológicas que têm por objetivo travar a nossa missão. A ignorância dos outros não pode limitar a nossa evolução.

O amor é incondicional: quem gosta não reprime nem impõe condições. Nesse aspeto, os animais conseguem ser mais coerentes do que nós. Não nos julgam, não nos condenam, limitam-se a aceitar-nos como somos, sem imporem condições, e são-nos eternamente agradecidos.

Já o cérebro humano é um universo sem fim e, muitas vezes, inexplicável.

## VIDA SUPERSÓNICA

O estado de evolução de cada um também não é o único fator a influenciar aqueles que, muitas vezes, nos tentam bloquear e impedir o nosso desenvolvimento.

Vejamos: as prioridades do ser humano mudaram, vivemos a um ritmo supersónico, nunca estamos satisfeitos nem agradecidos com o que temos. Achamos sempre que merecemos mais e melhor. Há que ser racional, competitivo e consumista, há que quebrar os valores humanos. O importante é safarmo-nos, como se diz na gíria, porque, bem vistas as coisas, isto é só nascer e morrer, nada mais há além disso. Vamos aproveitar enquanto cá estamos, independentemente de sacrificarmos a vida dos outros!

Infelizmente, este é o lema que comanda o pensamento de muitos. Apesar disso, o sentimento de insatisfação permanece e a felicidade tarda em aparecer.

Conheci e ajudei pessoas que eram o que se pode chamar exemplos de sucesso, mas cuja riqueza material e familiar era insuficiente para preencher o vazio que sentiam. Embora aparentemente nada lhes faltasse — tinham casas, carros de sonho, empregos de sonho, marido, mulher e filhos de sonho, enfim, o desejo comum da maior parte dos mortais, que não é pecado ambicionar —, estavam psicológica e emocionalmente fragilizadas. Sentiam algum tipo de frustração, não sabendo exatamente com

quê. Talvez já tivessem conquistado tudo o que havia para conquistar e a vida tivesse deixado de ser um desafio.

Quando a vida nos sorri e é tudo tão fácil, à mínima contrariedade a estrutura abana ou cai. A comunicação com os familiares começa a falhar, os filhos parecem falar uma linguagem distante, difícil de decodificar, e o sentimento de impotência apodera-se de nós. Ou então dá-se um clique: temos uma inesperada tomada de consciência sobre o que realmente estamos aqui a fazer e sobre o que fizemos de útil nesta vida.

Algo está incompleto e, afinal, parece que não é só nascer e morrer. Se para algumas pessoas a procura de respostas passa pela busca de explicações mantendo uma mente aberta, para outras a solução mais rápida e eficaz será tomar um «comprimido mágico», que de certa forma as manterá alienadas do mundo real, com os sintomas tratados e a causa adormecida.

Vários estudos demonstram que Portugal é dos países do mundo com taxas mais altas de consumo de antidepressivos e ansiolíticos. Dá que pensar, não é? Será possível que os portugueses andem todos tão fragilizados psicológica e emocionalmente? Há alguma coisa que não está bem, isso é certo.

Para muitos, a realidade é difícil de encarar e existem vidas realmente duras. Há casos que realmente justificam uma terapêutica mais invasiva, mas noutros ela é apenas uma forma de adiar o problema. Para que a evolução exista, é fundamental manter a mente liberta. Todos os fatores externos e internos que a condicionem estarão a contribuir para o retrocesso, a infelicidade e o adiamento do nosso propósito de vida, da nossa missão.

## AS ARMADILHAS DO MUNDO ESPIRITUAL

Atualmente ouve-se e fala-se muito em «crianças espirituais». Isto não é novidade, já há algum tempo que as recebo, até porque elas sabem em quem podem confiar. Estas crianças sempre existiram, a diferença é que os pais, muitas vezes, desconhecem esse facto mas querem e precisam de aprender a lidar com elas.

Com a desorientação generalizada a que se assiste na sociedade, em geral, a tarefa dos progenitores nessa matéria pode revelar-se ainda mais complicada, o que, não raras vezes, acaba por conduzir à procura de soluções eficazes e preferencialmente rápidas. As pessoas não param para pensar e delegam as suas responsabilidades. É preferível que sejam os outros a tê-las... Essa está longe de ser a melhor opção.

A falta ou a deturpação de informação credível também condiciona as escolhas e facilmente invertemos o que seria o curso natural da nossa evolução ou a dos próprios filhos. Vamos então descomplicar.

Poderemos dizer que as novas características trazidas por estas crianças fazem parte da evolução da nossa espécie, pois se assumirmos que a espécie humana esteve sempre a evoluir, porque teria de repente essa evolução parado? Para alguns talvez até tenha terminado, mas para outros não. E são os pais dessas crianças especiais ou espirituais que estão com sérias dificuldades em compreender isso.

Certamente que se lembrarão de ouvir alguém dizer «leve o meu filho àquela pessoa» porque parecia que tinha o Diabo no corpo ou um encosto (um espírito agarrado a si).

Hoje em dia é mais frequente ouvir falar de doenças e de diagnósticos, recorrendo-se à medicina convencional para resolver a situação. Assume-se que se trata de perturbações do foro neurológico e aí temos os químicos a desempenhar o seu papel.

O objetivo é sempre o mesmo. Há que controlar e minimizar os danos para o exterior, mesmo que isso vá acarretar problemas no futuro. Mas mesmo que essas opções sejam legítimas e as intenções as melhores, frequentemente são tomadas por desconhecimento de alternativas, de não se saber a quem recorrer.

Fatores financeiros, culturais e a falta, ou excesso, de informação, que é o que acontece na maior parte das vezes, condicionam as decisões e a escolha de uma alternativa terapêutica devidamente adequada.

Há sempre alguém que conhece alguém ou um sítio onde se tratam essas maleitas do espírito e que são sempre de confiança. Uns, ingenuamente, iludem-se, sem darem conta de que estão a aproveitar-se da sua energia; outros acham que a aquisição de «superpoderes» vai ser mais rápida, sem passarem pela fase do merecimento. É preciso estar atento.

## CENTROS ESPÍRITAS

Durante a minha busca espiritual, e tal como referi no meu livro *Reiki — A Energia Terapêutica Que Cura*, frequentei durante alguns anos centros espíritas, dos quais obtive bases e experiência consideráveis para a forma como, hoje em dia, encaro e lido com as diversas situações

— muitas delas bastante delicadas —, apresentadas pelas pessoas que me pedem ajuda espiritual.

Essa aprendizagem foi-me particularmente útil, pois ao longo deste meu percurso tenho-me deparado frequentemente com jovens e menos jovens dotados com algum potencial mediúnico, mas que nunca souberam fazer bom uso dessas capacidades, canalizando-as para o Bem ou para a ajuda ao próximo. Como consequência, tudo isso provocava-lhes um certo desequilíbrio emocional. De alguma forma, todos tinham receio do julgamento dos outros, de serem chamados bruxos e muitos nem queriam admitir que possuíam tais capacidades.

A minha passagem por esses centros espíritas proporcionou-me também autênticas lições de vida, no que respeita ao comportamento do ser humano e ao que realmente interessa. Era comum cruzar-me com pessoas que se consideravam muito especiais porque, segundo diziam e acreditavam, incorporavam espíritos de luz. O que a maior parte delas não tinha consciência é de que estava a ser manipulada por espíritos «enganadores», também chamados de «inferiores». Estes espíritos têm como objetivo principal testar o discernimento da pessoa enaltecendo-lhe o próprio ego. Aquilo que mais me chocou foi aperceber-me de que a ambição egocêntrica de serem as melhores tomava conta de muitas das pessoas que frequentavam esses sítios, onde sempre julguei que se passava o oposto, onde as pessoas seriam mais unidas, mais humildes e estariam todas a trabalhar em sintonia por um objetivo único, o crescimento espiritual.

No entanto, o sentimento predominante era outro e gerava-se instantaneamente um clima de competição para



ver quem conseguia canalizar o espírito superior que lhe daria as mensagens mais corretas, considerando-se, por conseguinte, o eleito ou eleita. Isso não invalida, e é meu dever referenciar, ter conhecido também pessoas com essas mesmas capacidades mediúnicas, mas com outros propósitos e objetivos, pessoas responsáveis e honestas no seu desempenho, sempre com humildade — atributo principal para quem quer evoluir e receber espíritos superiores. Essas não precisavam de puxar dos galões como outras e merecem todo o meu respeito e admiração pelo trabalho que desenvolviam.

## A EXPERIÊNCIA DA BEATRIZ NUM CENTRO ESPÍRITA

Apesar de tudo o que mencionei acima, o que mais me impressionou em alguns centros foi o facto de ser permitido aos pais levarem os filhos para participarem nas sessões, sendo que muitas decorriam durante dias inteiros e os sítios onde aconteciam estarem, obviamente, carregados de energias, que algumas vezes chegavam a ser muito densas.

Numa dessas ocasiões tive oportunidade de conhecer, e posteriormente conversar com ela, a Beatriz, uma menina com 9 anos. Desde logo percebi que se sentia revoltada por estar ali, não era algo que desejasse, e mesmo havendo outras crianças, não queria participar «naquilo», como fazia questão de dizer: «Venho de lá com dores de cabeça e cansada, depois não consigo estudar, e muitas vezes até durante a semana, ao final do dia, vou para lá... Eu não

quero! Os meus pais podem ir, eu fico bem em casa sozinha», confienciava-me.

Acalmei um pouco a Beatriz, colocando-lhe de imediato as minhas mãos por cima, e aconselhei-a a sentar-se tranquilamente com os seus pais e a conversar com eles, expondo-lhes toda a situação.

Não podemos esquecer-nos de que estas crianças, sejam Índigo, Cristal, Esmeralda, Arco-íris ou Diamante, todas as da Nova Era, compreendem-nos melhor se falarmos com elas como se fossem sempre mais velhas do que na realidade são, pois espiritualmente elas já estão bastante mais evoluídas do que nós, o que provoca alguma dificuldade nos pais em aceitá-las ou compreendê-las como são.

Será que os pais da Beatriz não percebiam mesmo que estavam a prejudicar a filha, que na sua tenra idade já gritava pelo livre-arbítrio, não lhe dando sequer a possibilidade de lhes explicar porque não queria ir? Podemos entender que os pais estão numa busca, e eu também a fiz, mas não temos de arrastar os filhos, nem os maridos ou as mulheres, quando a vontade deles não é essa, pelo menos nesse momento.

Não podemos ser fundamentalistas. Temos de entender e aceitar que aquilo que é bom para nós pode não ser para os outros. Todos somos responsáveis pelos nossos filhos e a nossa obrigação é ensinar as regras básicas, entre as quais estão o respeito pelos outros e a honestidade. Devemos transmitir-lhes todos os princípios que deverão fazer deles pessoas melhores e, ao mesmo tempo, sermos também bons ouvintes e estarmos atentos aos seus apelos. Sim, as crianças da Nova Era são mais evoluídas, até podem ser espíritos mais velhos, mas, nesta vida,

## HISTÓRIAS REAIS QUE DESAFIAM AS FRONTEIRAS DA «NORMALIDADE» E MOSTRAM QUE JÁ ENTRÁMOS NUMA NOVA ERA ESPIRITUAL. UM LIVRO ÚNICO EM PORTUGAL.

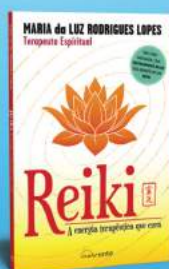
Este livro fala de seres espiritualmente evoluídos. Apresenta testemunhos diretos de crianças e jovens a quem Maria da Luz Rodrigues Lopes ofereceu o seu apoio e ajuda terapêutica para melhor compreenderem aquilo por que estavam a passar. O livro aborda, entre outros temas:

- ▶ A missão destas crianças
- ▶ Os vários tipos de crianças espirituais
- ▶ O que veem, ouvem e sentem estas crianças
- ▶ As dificuldades de comunicação com os pais
- ▶ O *bullying* dos colegas e a aprendizagem na escola
- ▶ A rebeldia, os ataques de pânico e o desespero
- ▶ Como viver com o dom e trabalhá-lo espiritualmente

«Quero deixar uma mensagem, principalmente aos meus pais. Eu não sofro de uma patologia do foro psiquiátrico, pessoas como eu houve sempre desde que a Humanidade existe. Não preciso de ser catalogada com algum adjetivo clínico pomposo que esteja atualmente na moda. Quero é que acreditem em mim, no que eu sinto e no que vejo. Não quero que este meu desabafo seja entendido apenas como uma crítica. Aquilo que desejo, e muitos como eu, é simplesmente que nos compreendam, pois nós já vos compreendemos.»

*Maria*

Leia também,  
da mesma autora:



**nascente**  
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-33-5



9 789898 849335

Espiritualidades